

CONSTANTINOPOLA DO LADO DA TERRA.

ASSEVERAM muitos viajantes, passeadores das varias regiões do nosso globo, que não ha vista mais formosa e que tanto enleve o espectador, como a do Bosphoro e Constantinopola, posto que Mr. de Chateaubriand e mais alguns lhe preferam a bahia de Napoles, sem todavia deslustrarem o merecimento daquella: todos se espraíam em elogios tentadores da curiosidade, que ambiciona, ao lêr as descripções, desfructar tão linda e variada perspectiva, agradável por seus naturaes encantos e ainda mais pela novidade que offerece aos olhos dos europeus.

Um extenso canal, encerrado entre duas costas ferreitas, graciosas, povoadas de consideravel numero de aldeas turcas e gregas, cortadas a cada passo por elegantes pavilhões, é a grande esteira que seguem os navios que vão a Constantinopola. Chama-se este canal *os Dardanellos*, do nome de Dardano que ahi levantou os primeiros edificios: tem de comprimento obra de 50 leguas de 25 ao gráu; na paragem mais estreita terá de largura quando muito mil toesas, onde é apertado por um cabo, em que estivera, segundo affirmam antiquarios, o tumulo de Hecuba: na ponta do cabo avulta o castello da Europa, que os turcos apellidam *cadeado do mar*. A villa proxima é habitada inteiramente por judeus, pacificos e estabelecidos commerciantes, que renunciaram a vida vagabunda de seus coreligionarios. Do lado opposto corre a costa d'Asia, e duas grandes divisões da terra acham-se aqui tão proximas que as fortalezas, denominadas da Asia e da Europa, cruzam o fogo d'artilharia, de modo que perigosissima será qualquer tentativa de forçar a passagem contra vontade do sultão e sem o firman especial que alli se deve appresentar. E este o logar da residencia ordinaria dos consules das diversas nações europeas. As aldeas, edificadas quasi todas em lanços pelas encostas ao longo da margem, se entremeiam picturescamente com bosques e pomares de larga copa e com veigas perfeitamente cultivadas. Os coruchéus esbeltos das mesquitas sobem aos ares como flechas, e campeam sobre as apraziveis habitações, semelhando na-

vios occultos entre as casas e arvoredos. Mais adiante patenteia-se Gallipoli, cidade importante: e entrando-se pelo estreito, celebre pelo naufragio de Helle, donde lhe veio o ser chamado Hellesponto, saúda-se á direita [lado da Asia] *locus, ubi Troja fuit*, o campo onde foi Troia, planicie hoje abandonada, e quasi destituida de poeticas inspirações; nada alli ficou de pé, e a morte, surgindo dos pântanos que inficionam o ar, paira sobre o chão illustrado pelos cantos de Homero e Virgilio. Subindo o canal, os pilotos eruditos, no ponto em que as duas costas mais se avizinham, entre Axos e Abydos, apontam o sitio em que Xerxes reputando rebelde o mar quiz lançar-lhe grilhões: o mesmo logar suscita outra recordação, porem não ridicula como esta: o interessante episodio de Leandro e Hero, (1) amantes desditosos, cuja historia é bem conhecida, lhe dá celebridade. Mais alem está, quasi entupida por aréas, a foz do Granico recordando as lembranças grandiosas do primeiro conquistador, Alexandre de Macedonia. Encontra-se depois a ilha dos Cysicos, séde d'um templo consagrado a Cybele, e onde ainda corre, mas privada da sua virtude, a decantada fonte que com a bebida de suas aguas livrava de paixões e loucuras os amantes mal correspondidos: alli se demorou algum tempo Mithidrates, rei do Ponto, na epocha da sua gloria. Segue-se Heraclea, outr'ora Perintho, capital da Thracia antiga, cidade poderosa por commercio e industria, e rival de Bysancio que lhe roubou a corôa. Lá se descobre no horisonte um enorme gigante; é o monte Olympo, celebrado dos pagãos e dos poetas, como assemblea dos numes: a sua paizagem faz emmudecer os maiores talentos descriptivos.

Mas já no sereno azul do céu sobressahem os contornos e figuras dos maciços zimbórios de santa Sophia, (2) e dos altos coruchéus de Stambul, como os turcos chamam a Constantinopola, depois que Ma-

(1) Lea-se a bella cantata, que tem este titulo, do nosso poeta Bocage.

(2) Vid. neste mesmo n.º a pag. 12.

homet 2.^o victorioso lhe impoz o jugo musulmano aos 29 de Maio de 1453, espirando nas mãos de um Constantino o poder fundado por outro Constantino. Assentada em forma de amphitheatro ostenta a sua grandeza a vastissima capital do imperio ottomano, uma das maiores cidades do mundo, situada, em mui vantajosa posição commercial, á beira do mar de Marmara (*Propontide* dos antigos) na extremidade occidental do estreito canal do Bosphoro, que junta aquelle mar com o Mar-Negro (*Ponto Euxino*). Forma um triangulo bem traçado n'uma especie de promontorio, cujo pontal fica tão perto do continente asiatico, que em menos de vinte minutos n'um bote se traslada qualquer d'uma para a outra região: immediatamente fronteira, em terreno d'Asia, jaz Scutari, considerada effectivamente como um suburbio da capital europea, côrte da Sublime-Porta: Scutari é o rico mercado ou feira das fazendas e generos transportados de Bagdad, da Syria, da Persia, da Asia-Menor. O magnifico porto, chamado do *cornouauro*, abre-se entre o triangulo de Constantinopola, propriamente dita, e os seus arrabaldes europeus de Pera e Galata, que são os mais importantes; e neste ultimo diz-se que estivera a famosa cadeia de ferro que fechava aos navios a entrada de Byzancio; o castello donde ella descia para o mar não existe, e apenas se descobrem alguns vestigios dos alicerces. A communicacão entre aquelles arrabaldes e o de Top Hana é ordinariamente por mar e o movimento de innumeraveis barcos faz com que o porto apresente de dia uma scena mui activa e agradavel: os estaleiros imperiaes, o arsenal, o aquartelamento da artilharia, todos estão deste lado; e o taboleiro elevado de Pera é a residencia dos embaixadores estrangeiros, dos *dragomans* ou interpretes, dos negociantes frangues, isto é, christãos, &c.

A grande capital do imperio ottomano era antigamente repartida em quatorze bairros; ao presente pode dividir-se em duas partes distinctas; uma á quem do porto, a cidade propriamente dita, outra alem do porto, onde são os arrabaldes. A sua maior praça é o mercado dos cavallos, no local do *Hippodromo* tão celebrado, mandado fazer por Constantino pelo risco do circo maximo de Roma. A praça está hoje viuva de seus marmores e bronzes, que mencionavam com muitos elogios os escriptores contemporaneos; os seus quatro admiraveis cavallos de bronze foram transportados para Veneza: só existe em pé um obelisco inteiriço de granito, com 60 pés d'altura, sobre um pedestal quadrado com baixos-relevos mal acabados, ou talvez retocados por mãos ignorantes. Os palacios imperiaes e as mesquitas são os edificios mais notaveis: a mesquita levantada pelo sultão Achmet é magnifica e sem contradicção a mais formosa de quantas os turcos tem fabricado: algumas fontes ha de muito artificio; sobre tudo porem os bazares (3) chamam a attenção dos estrangeiros. Defronte do serralho mandou fazer Solimão um elegante kiosque ou mirante, á moda persiana, que é mui digno de ver-se pela sua originalidade e graça. O mirante das *perolas*, tambem pertencente ao grão-senhôr, occupa o assento das antigas *thermas* do imperador Arcadio: ao lado delle ainda mana uma fonte, a que os gregos chamam do *Salvador* e lhe professam grande veneração. Da parte da terra ainda se veem lanços da linha duplicada das apparatusas e fortes muralhas, construidas por Theodosio 2.^o, com suas torres rectangulares, e cheias d'inscrições gregas e de cruces, que os musulmanos não puderam de todo extinguir. Estes restos e santa Sophia são os monumentos que existem da architectura byzantina,

(5) Vid. a este respeito a pag. 246 do vol. 3.^o

porque os turcos arrazaram os edificios gregos para aproveitarem os materiaes no fabrico de outras obras: por isso desappareceram as antiguidades vistas e descriptas por Gyllio, Spon e outros viajantes dos seculos anteriores ao nosso.

A peste e os incendios são os espantosos flagellos que por vezes tem assolado Constantinopola e dizimado a sua copiosa população; esta, por não haver censo ou documentos officiaes, avalia-se pelo alto em quinhentas a seiscentas mil almas, postoque os turcos lhe attribuem muito maior quantidade, porque não só contam os arrabaldes, mas tambem Scutari e as povoações do Bosphoro; mas ainda assim, somado tudo, não pode o numero exceder a oitocentos mil habitantes de todas as seitas e nações.

DUARTE PACHECO.

QUEM ha hi, que tão pouca noticia tenha de portuguezes e da India, que ignore as proezas, e as desditas do grande Duarte Pacheco? Os poetas á porfia o exaltam em seus cantos; os chronistas o celebram em suas historias; e todos os que no oriente ganharam o nome de grandes capitães forcejaram por imitar este inimitavel modelo. Este é o afamado heroe, a quem o mais sublime cantor das glorias portuguezas consagrou inteiras quatorze oitavas, e não duvidou chamar

O grão Pacheco, Achilles Lusitano;
CAM. Cant. 10. Est. 12.

cujos feitos

Ou parecerão fabulas sonhadas,
Ou que os celestes côros invocados
Descerão a ajuda-lo, e lhe darão
Esforço, força, ardil, e coração.
Est. 20.

Este é (dizemos) o heroe, a quem outro illustre poeta proclamou

Alcides Lusitano, honra de Hespanha,
Digno de eterna, e soberana historia.
G. P. DE CASTRO. Ulis. Cant. 7. Est. 94.

Sim; eterna será, e soberana a sua historia; que nem as iniquas perseguições, com que atribularam sua innocencia, farão murchar os louros nascidos do seu sangue, nem a penuria e o desamparo farão menos rutilante o painel de suas gentilezas.

Que faltava pois á gloria de Pacheco? faltava-lhe um padrão, que durasse ainda além do fructo de suas victorias; faltava-lhe, assim como tinha imitado ou excedido a Cesar brandindo a espada, imita-lo ou excede-lo tambem meneando a penna. Um só destes teve Roma; mas dos nossos capitães portuguezes são sem conto os que, em quanto a espada descansava na bainha, eternisavam com a penna os singulares feitos de seus compatriotas. Dos de Pacheco que nos resta! um livro. E (quem tal crerá) um livro, a que ainda não foram conferidas as honras do prelo (se honras são as taes); um livro ignorado, e sumido em mão d'alguem curioso, que qual precioso thesouro o guarda a sete chaves.

O que neste livro trata ouvi-lo-heis da sua bocca, dirigindo-o a elrey D. Manuel. = «preparei (diz elle) fazer hum livro de cosmografia e marinaria, cujo prologo he este, que aqui he escrito, o qual livro será partido em cinco livros, e no primeiro se dirá do que descobriu ho virtuoso Infante Dom Henrique, e no segundo do que mandou descobrir ho excelente Rey Dom Afonso, e no terceiro do que isso

mesmo fez descobrir ho serenissimo Rey Dom Joam, que faz fim no ilheo da Cruz, como já disse, o quarto e ho quinto, em que pendem vossos gloriosos feitos, que som mais em cantidade, e mayores em calidade que os de todolos outros principes" = : e mais adiante = "ho que toca ha cosmografia e marinharia por extenso espero dizer, e por tanto farey primeiro com brevidade mençam dalguns circulos superiores, e da cantidade da terra e dagua, qual destas duas he a maior parte, decrarando sumariamente ha grandeza dafrica e asy dasia, honde vossas victorias asy no ouriente como no oucidente florecem: e destas duas soamente e brevemente quanto ao interior da terra se dirá, e ho lito, ou costa do mar todo ho que toca ha marinharia e cosmografia mais larguamente farey mençam; e por tanto seram aqui decraradas todas rotas, &c. e tambem a natureza da gente desta ethiopia, e ho seu modo de viver, e asim direi do comercio que nesta terra pode haver: tudo isto com diligencia por serviço de vossa alteza farey, no melhor modo, que poder e souber, neste livro será escrito, ho qual *esmeraldo de situ orbis* será chamado. = "

Em quanto ao titulo *de situ orbis* imitou nelle a outros cosmographos, que assim chamaram aos seus livros; mas o de *Esmeraldo* não podemos acertar d'on de lhe viesse, nem o que com elle quiz significar.

O A. da Bibl. Lusit. dá noticia deste livro, e do seu preciosissimo original na livraria do marquez d'Abrantes, ornado com esplendidos mappas, e outros bem acabados desenhos. Na nossa Bibl. Publica Eborensis temos duas copias delle, ambas do mesmo theor nos erros e nos acertos; mas sem mappas, nem figuras, e só com a indicação dos logares dellas.

O A. acima allegado diz que a obra tem 4 livros: o 1.º com 33 capitulos; o 2.º com 71 (ho que ha manifesto erro typographico, porque são só 11); o 3.º com 9; e o 4.º com 6. Não falla no 5.º livro, que o A. promette no prologo; nem as nossas duas copias nos ajudam neste caso, porque apenas chegam a começar, e já não concluem o 6.º cap. do L.º 4.º, aonde Pacheco encetava a descripção das descobertas, ordenadas por elrei D. Manuel. Será curioso determinar em que anno, e epocha da sua vida escreveu Duarte Pacheco esta obra. E no cap. 16 do 1.º L.º no-lo declara mui exactamente, quando tratando da cidade de Anafé na Africa, diz para elrei D. Manuel = "E vay hora em trinta e oito annos que o excellente principe Infante D. Fernando vosso Padre com grande frota e muito boa gente em pessoa foi sobre esta cidade, e per força darmas ha entrou, e destroyo, e com muita vitoria e honra se tornou para estes reinos; e esta queda recebeu Anifé alem d'outra assaz grande, que já recebida tinha, averá ora cento e sessenta e cinco annos, que se perdeo quasi toda a principal gente danifé na batalha do Salado, a qual foi antre Gibraltar e Tarifa, honde chamam a Pena do Ceruo &c. = " Se nos lembrarmos que Anafé (ou como Pacheco lhe chama *Anifé*) foi tomada no anno de 1463, e a batalha do Salado dada em 30 d'Outubro de 1340, acharemos que, juntando áquella data os 38 annos não completos, e a esta os 165, vimos a cair justamente no anno de 1505. — E não faça duvida o ler-se no cap. 160 da chronica d'elrei D. Affonso 5.º por Ruy de Pina, impressa no 1.º vol. dos ineditos da Academia, que Anafé foi tomada no anno de 69; porque n'um manuscrito da mesma chronica, que temos á vista, e declara ser copiado do proprio original, se lê 68, e não 69 como no impresso; lição, que aliás se conforma com os demais historiadores, que superfluo seria allegar aqui. — E devia Pacheco de escrever nos

ultimos mezes do anno de 505, porque a 24 de Julho entrou pela barra de Lisboa victorioso da India, e recebeu d'elrei D. Manuel aquellas tão grandes, como ephemeris, honrarias publicas, que os nossos chronistas referem.

A linguagem e o estylo são os melhores, que se sabiam no principio do seculo de quinhentos, antes de o grande mestre da lingua João de Barros ter eternisado nas suas Decadas, não inferiores ás de Livio, a memoria deste mesmo Alcides Lusitano, e dos outros nossos grandes capitães do oriente.

Alli vereis tratadas e decididas acertadamente as grandes questões cosmographicas dos antigos tempos. Alli vereis a narração singela do mareante enlaçada com a varia erudição sagrada e profana do homem curtido sobre os livros. Alli achareis mui curiosas, verdadeiras, e por ventura novas, noticias de nossas primeiras navegações, que como de contemporaneo, e tão entendido, são muito de aproveitar para desmanchar conjecturas de criticos de má morte.

Quereis vós saber o porque a Serra Leôa é assim chamada? Folheai o livro de Pacheco, e elle vos dirá no cap. 33 do 1.º L.º = "e muitos cuydam que este nome de Serra Lyôa lhe foy posto por aqui haver lioões; e isto he falso, porque Pero de Sintra, hum Cavalleiro do Infante Dom Anrique, que por seu mandado esta serra descobrio, por ver huma terra tam aspera e brava, lhe pôs nome lyôa, e nom por outra causa: e isto se nom deve duvidar, porque he verdade, porque elle mo disse asim. = " (*)

Duvidaes ainda de que elrei D. Manuel estava bem certo do que fazia, e do que queria, quando apparelhava a expedição de Vasco da Gama! Tendes em pouco o galardão, que este novo argonauta recebeu por seu assignalado arrojio? Ouvi a Pacheco, e elle vos responderá no cap. 2.º do L.º 4.º, formaes palavras = "Nom convinha que pera este descobrimento e viagem se excedesse ho modo da grandura das naos e cantidade dellas, e por isso mandou el-Rey nosso Senhor que se fizessem quatro navios pequenos, que o mayor delles nom passasse de cem tonees pera sima, porque pera terra nom sabida e tam incognita, como aquella entam era, nom era necessario serem mayores: e esto se fez asy, porque mais ligeiramente podessem entrar e sayr em todo lugar; o que sendo grandes nom podiam fazer: e estes se fizeram per singulares mestres e officiaes, e assaz fortes de madeira e pregadura: e com tres equipações de vellas cada naao, e asy hamarras, e outros haparelhos, e cordoalha tres e quatro vezes dobrada, alem do que costumam trazer: ha louça dos tonees, pipas, barris, asim de vinho, como dagua, vinagre, e azeite, toda foy arqueada com muitos arcos de ferro, que cada peça levava por segurar o que dentro tinha: os mantimentos de pan, vinho, farinhas, carnes, legumes, e cousas de botica, e asy armaria, e bombardaria, tudo isto foy dado em tanta habastança, quanto ha necessidade do caso convinha, e muyto mais; e asim foram mandados nesta viagem os principaes pilotos e mareantes, e mays sabedores na arte da marinharia, que se nesta patria hacharom; aos quaes foram hordenados tam grandes soldos com outras mercês, e tam bem paguos, que prederom todolos outros salarios, que toda ha outra gente do mar pelas outras provincias costumam haver: nesta viagem se fizeram tantas e tam grossas despezas com tam poucas naos, que por nom parecerem graves douvir e creer ho leixo de dizer pelo mehudo, das quaes o nosso principe por entam nam ouve mais utilidade que soamente seer descuberta e novamente sabida alguma parte daquella ethiopia

(*) Vid. ácerca de Serra Leôa a pag. 78 do vol. 4.º

sob egipto, e ho principio da India inferior. E asy partiõ Vasco da guama com esta santa empreza por capitão mor destas quatro naaos na vertude da sacra magestade deste serenissimo principe, que o mandou, da excelente cidade de lixboa sabado oyto dias do mes de Junho do anno de nosso senhor Jesus xpto de mil cccc noventa sete annos: e andou nesta viagem atee tornar adonde partiõ dous annos hum mes e hum dia: e da sua vinda nom tardarom õs grandes gualardoões e mercêes, que lhe foram dados com tanta honra e liberalidade, quanto na excelencia do nosso Cezar Manuel, que o enviou, cabe. Porque Sua Alteza lhe deu titulo de Dom Vasco da guama, que dantes nom tinha, e asy lhe deu armas para ser conhecida he honrada sua fidalguia, e ho fes almeyrante do mar indico com sua jurisdigam, e mais lhe deu de renda de juro tres mil cruzados douro; e isto ouve Dom Vasco aleem doutras muitas mercêes, soldos, honras, e liberdades, de que o este serenissimo principe dotou. Asy que se olhou ao serviço que lhe Dom Vasco tinha feyto, isso mesmo conseguiu ha grandeza de sua excelente condigam, nom desviando

do que devia, como aquelle que nasceo com perfeita bondade = »

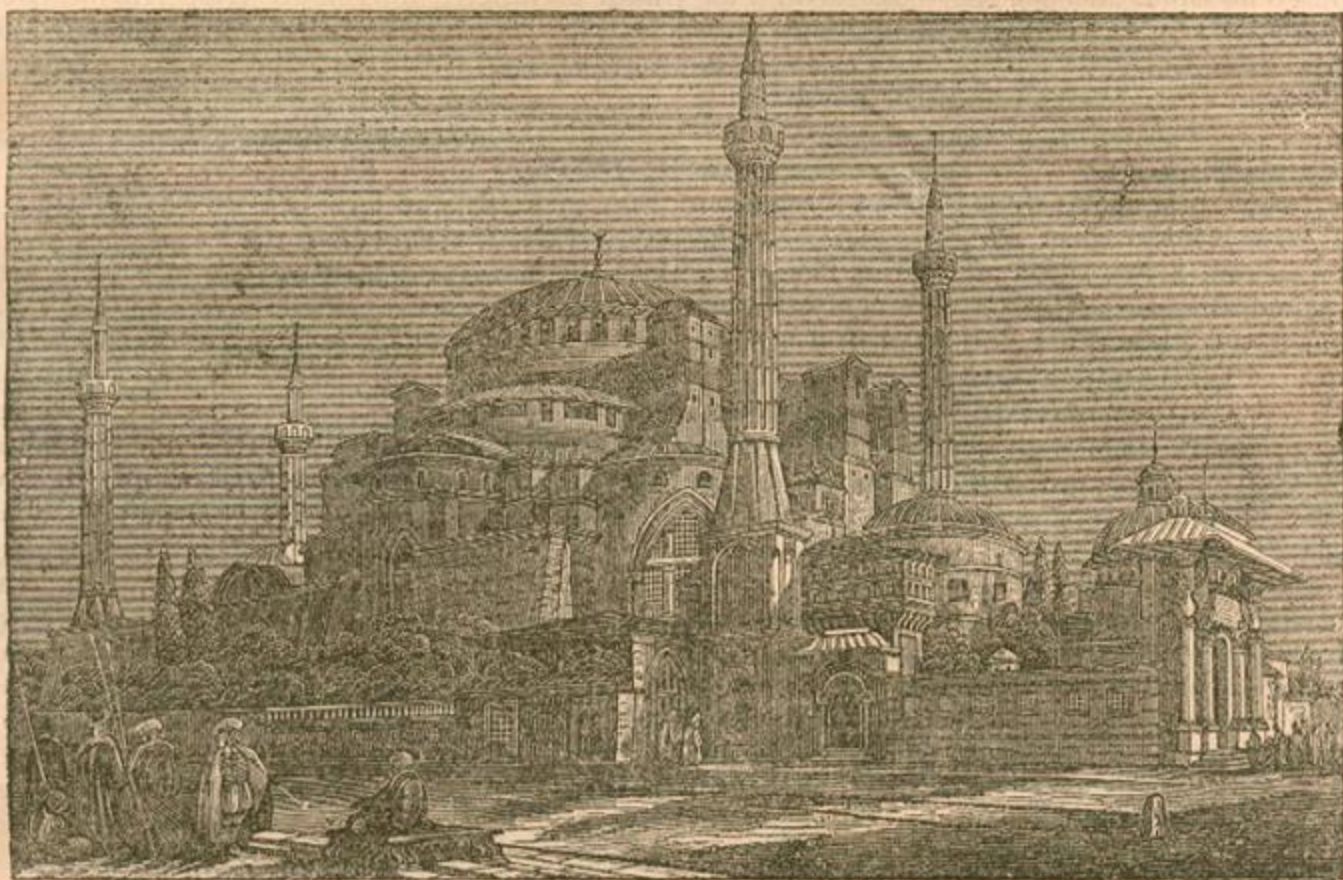
E reparai que isto dizia Pacheco daquelle mesmo principe, de quem, em paga de seus heroicos feitos, recebeo tyranna prizão, podendo accrescentar, como depois disse o poeta

Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Um tal vassallo, ó rei só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
É elle para dar-te um reino rico.

CAM. Cant. 10. Est. 25.

E nós seremos tambem ingratos a Pacheco? Deixaremos perder para sempre o seu livro, assim como já perdemos o que pelo valor de seu braço nos ganhou? Não o cremos: e ainda estãmos pelo que em outro lugar dissemos, que os monumentos mais authenticos e preciosos da nossa gloria foram por um poder superior guardados para verem pela primeira vez a luz publica em nossos dias, só a fim de servir como de flores lançadas sobre o tumulo do defuncto Portugal!

J. H. da C. R.



SANTA SOPHIA EM CONSTANTINOPOLA.

CONVERTIDO ao christianismo o imperador Constantino, e tendo fundado o imperio do Oriente, no 4.º seculo, estabelecendo a sua cõrte na antiga Byzancio, que reformou e ampliou com muitos edificios, e que do seu nome tomou o de Constantinopola, fez erigir nesta nova capital uma basilica sob a invocação da sabedoria divina (*agia-sophia* em idioma grego), personalisada em Jesus Christo. Taes foram os primeiros fundamentos do celebre templo de Santa Sophia. A fabrica levantada por ordem de Constantino teve curta duração, arrazando-a um terremoto, mas o filho daquelle imperador a reconstruiu com mais riqueza e extensão. Posteriormente dois incendios, em menos de cincoenta annos, a devoraram, nos reinados de Arcadio e Theodosio Junior, e um terceiro a reduziu de novo a cinzas, imperando Justiniano, que a reedificou ainla com maior fausto e

lhe deu maiores dimensões que os seus predecessores. Esta ultima permanece servindo de mesquita aos sectarios do Alcorão. Pela parte de fóra é de figura quadrada: o seu frontispicio consta de dois porticos sobrepostos, um dos quaes é entrada da banda da rua e o outro serventia para as galerias superiores. Externamente é de grosseira architectura, pertencendo áquelle estylo mixto e depravado, a que chamam byzantino: antes que os musulmanos a enfeitassem com quatro torrinhas esbeltas e engraçadas, apenas offerecia á vista o zimbório maciço, gigante em proporções, mas que parece ter sido esmagado, ou ter-se abatido, posto que o vicio dimane da primeira construcção, em que os delineadores empregaram vastas moles sem gosto, nem medida regular, nem delicadeza. Para o interior da basilica reservaram Justiniano e os mestres que es-

colheu, toda a profusão e riqueza; e com effeito os metaes, os marmores de maior custo, os ornamentos preciosos, e o trabalho dos operarios apparecem alli como em poucos templos, mas tudo distribuido sem juizo nem gosto: os turcos acharam-a de molde, e por isso poucas alterações lhe fizeram, só accrescentaram as torres para os seus *muezins* chamarem daquelles pinaculos o povo ás orações quotidianas. A fama de Santa Sophia é devida a ter sido o primeiro templo do christianismo fabricado com vastas dimensões, ás preciosidades que encerrava, e ao hyperbolico enthusiasmo dos escriptores gregos. Os unicos objectos artisticos importantes que os turcos conquistadores destruíram, foram as pinturas e trabalho em mosaico das abobadas, que ou raspavam ou embuçaram de cal, por causa do horror que teem á representação de vultos ou imagens nos seus templos: antes delles já a seita dos *iconoclastas*, isto é, *quebradores d'imagens*, tinha feito muitos estragos.

Santa Sophia é hoje, para assim o dizermos, uma freguezia da familia imperial, porque ha uma tribuna na grossura da muralha, destinada ao grão-senhor, que para ella entra por uma escada particular que communica com o palacio. Em frente do longo e largo portico interior, queremos dizer, da banda de dentro do primeiro e geral ha umas certas capellas, fechadas com pequenos zimbórios, que servem de mausoleus aos principes, filhos dos sultões. Afóra estes tumulos privilegiados, Santa Sophia possui, como todas as outras mesquitas, hospitaes, fontes para abluções e banhos, officinas indispensaveis para o bom cumprimento dos ritos dos fieis crentes em Mafoma; nem se encontra desprevenida destas dependencias casa alguma principal votada á adoração de allah e á veneração do falso propheta.

INFLUENCIA DA VIRTUDE NA SOCIEDADE.

ESTAMOS intimamente convencidos de que seria muito facil persuadir os homens a que seguissem o caminho da virtude, se não fosse o máu methodo empregado nessa persuasão. Ha quem julgue que uma recommendação para ser virtuoso importa uma declaração de guerra aos interesses e prazeres de cada um: — pensam que a virtude é realmente util á sociedade, mas de pouco ou nenhum proveito para o individuo que a pratica. É por isso que as nossas exhortações neste sentido são quasi sempre desprezadas, e a maior parte das vezes recebidas com desagrado e suspeita: — este procedimento indubitavelmente reprehensivel nasce muitas vezes de causas estranhas ao proprio individuo.

É um principio certo que a sociedade tem directa e indirectamente interesse em que todos os seus membros procedam bem; até porque o vicio tem a qualidade de propagar-se facilmente. O malvado póde saber o fim a que o encaminha a sua perversidade, mas a que ponto chegará o crime depois de commetido, é o que nem elle, nem homem algum é capaz de prever. Por este motivo, e para evitar as pessimas consequencias do máu exemplo tem a sociedade aquelle zêlo e interesse. Porem ainda que ella muito lucre com o bom procedimento de todos, as vantagens que deriva desse facto são nada comparadas com os bens que resultam a qualquer individuo de se haver com probidade e honra.

Tanto a sociedade como o individuo ganham muito na prosperidade geral; a difficuldade consiste em saber por onde se deve caminhar para alcançar esse bem. Se existisse um homem que desprezasse as commodidades da vida, e os meios de enriquecer, por jul-

gar que deste modo evitaria os lances do desesperado e as necessidades do mendigo, aos quaes deixava assim o campo aberto para obterem os bens que elle regeitára em seu beneficio, esse homem devia, sem demora alguma, ser mettido no hospital dos doudos.

Póde argumentar-se que a prosperidade e virtude são entre si oppostas; e que se o interesse universal da sociedade é de que existam essas cousas, ha comtudo no individuo um interesse particular que o induz a preferir os bens mundanos, antepoando-os a qualquer outra consideração.

Se esses bens podessem felicitar o homem a despeito de outras circumstancias, mais fôrça teria o argumento do que realmente tem. Póde acaso dizer-se que a virtude, embora seja tão util e bella como a representâmos, de pouco serve no mundo? Quem possui riqueza acha que esta e a verdadeira felicidade são synonymos; e á vista desta illação o homem pobre, ainda o mais virtuoso, deve sempre considerar-se um ente desgraçado e opprimido. Mas sem nada ponderar-mos em quanto á incerteza extrema da prosperidade mundana, nem sobre o perigo, a que vivem expostos os ricos, de ficarem de um momento a outro reduzidos á penuria; só perguntaremos que ventura goza o rico, quando do leito da morte olha para os seus cofres entulhados de ouro? Que prazer sente elle vendo-se visinho da eternidade, comparado com o homem justo que espera receber de um momento a outro o premio da sua virtude e das boas acções que praticára? Dizei-lhe que interrogue o coração ácerca dos terriveis combates que o affligem na hora extrema, e vereis que essas reflexões são para elle dolorosissimas, e que desce á sepultura mais atormentado do que o virtuoso pobre.

Taes são os bons resultados da virtude, cujo poder a ninguem é dado enfraquecer ou atenuar. — Ha mil modos de perder-mos os bens da fortuna, por fraude ou violencia: — estamos sujeitos ás agonias da enfermidade, assim como á perda do objecto que nos fôr mais caro; porem em quanto sentir-mos a consolação da virtude não podemos reputar-nos desgraçados. Sempre nos acompanha a idéa de que tudo o que acontece é devido a causas que nos são estranhas; e é deste modo que a consciencia com a tranquillidade nos compensa dos prazeres e faustos que nos faltam. — N'uma palavra, é tão impossivel tornar completamente infeliz o homem virtuoso, como tornar venturoso o homem cheio de vicios. O primeiro encontra quasi sempre amigos, e sente em si aquella fôrça de consciencia que o não abandona até nos mais duros transes da vida; o ultimo, nem sequer na opulencia tem amigos verdadeiros, e na adversidade vê-se cercado d'inimigos e privado de consolações.

Ha ainda outros motivos pelos quaes o homem acha verdadeiro interesse em seguir a estrada da virtude, sendo um dos principaes a certeza de que por esse meio consegue mais facilmente os bens reaes e verdadeiros deste mundo.

Goldsmith nunca mostrou tão profundo conhecimento da natureza humana, como quando representou um homem, cuja vida fôra uma continuada scena de crimes, exclamando: — Ah! que se eu tivera empregado a decima parte da minha vida em praticar acções honestas e meritorias, eu figurára hoje no mundo, não como um individuo abjecto e desprezivel, mas como um homem respeitavel e independente! —

Em quanto a materia de facto, releva não perder de vista que o sabio e o ignorante, assim como o homem de bem e o malvado, concordam todos em que a virtude é excellentes meio d'aleargar uma ventura solida. Lord Shaftesbury diz emphaticamente: “Heide sempre esforçar-me por ser virtuoso, pela

“mesma razão porque heide sempre conservar o meu corpo limpo e decentemente vestido, ainda que cuide não tornar mais a vêr uma creatura humana.”

Shaftesbury, que não deixou de errar em alguns pontos importantes de philosophia, allude claramente neste pensamento á efficacia da virtude e ao prazer e íntima tranquillidade que a sua practica derrama em nossos corações: — tranquillidade sem a qual todas as riquezas do mundo perdem o seu valor, e todos os enthusiasmos do homem perdem a sua fôrça.

Para provar quanto assentámos, não podemos invocar melhor testemunho do que o de certo homem geralmente conhecido pelo seu pessimo character e pelas suas excessivas devassidões: — “Daria, disse elle, dez mil libras, promptamente pagas, a quem agora me vendesse um bom character: — com este ganhava eu n’um instante o duplo do preço por que fiz a compra.”

Sem virtude ninguém pôde conservar character nem prosperar em qualquer empresa que intente; e sem character é impossível achar amigos na adversidade, á qual todos os homens estão sujeitos, e mormente os viciosos e devassos.

Imagine embora o máu, ou leviano, que na adopção destes conselhos só poderá interessar a sociedade em geral, mas nunca o individuo em particular. O contrario é o que realmente succede: — o homem é o primeiro que colhe os fructos da virtude ou da maldade segundo se inclina ou foge de uma ou outra cousa.

CONSELHOS OU INSTRUCCÃO DE MARTIM DE CASTRO DOS RIOS A SEUS DOIS FILHOS NA PRIMEIRA ARMADA EM QUE SE EMBARCARAM.

Pois os adagios velhos tem lugar de segundos evangelhos, estimai este por mui util e proveitoso; que os conselhos se hão de tomar de pessoas que vos querem bem, e não de quem vós quereis bem; e pois eu tenho o primeiro lugar dos que vos amam, recebei de mim este aviso neste primeiro movimento de vossa vida, e dou-volo por escripto, porque a continuação de o leres fique em habito, e o ganho das obras em premio. —

Estimai este presente como verdadeira herança minha, porque só isto é meu, e tudo o mais que levas são bens da fortuna.

Primeiramente, pois começais a servir a vosso rei, se quereis não errar em seu serviço, começai na observancia da lei de Deus, fazendo com muitos actos de desejo um habito na alma de seu amor, e na memoria de seu temor; e obrando com este fundamento acertareis em tudo que fizerdes.

As horas de levantar da cama sejam antes as rigorosas que as reprehensíveis, e o primeiro exercicio seja fallar com Deus, e depois tratar de vós e dos homens, porque o começar bem é penhor d’acabar melhor.

Na conversação agasalhai os menores com cortezia e conservai-os com respeito, e com os iguaes sêde faceis, graves e comedidos, porque assim vos fareis gratos, e conversareis amigos e adquirireis reputação.

Na practica tratai as materias, não as defendaes por escusar porfias, que é mostra de pouco entendimento e fim de muitas desventuras. Fallai sempre verdade, não jureis nunca se quereis que vos cream, nunca certifiqueis senão o que souberdes muito certo, e se fôr em prejuizo de ausente, ou o defendei ou vos callai; porque é regra infallivel, que fallando bem dos ausentes vos fareis gratos a todos, aos

presentes porque vos ouvem, e aos ausentes pelo que ouvem de vós.

Jogai pouco, e mais por passatempo que por officio; não mostreis com palavras, e menos com obras, sentimento de ganho nem de perda; porque por estes extremos se descobre a qualidade do animo: sêde liberaes, mas não vos enganem, porque no primeiro se ganha honra, e no segundo reputação.

Usai de poucas graças em secreto, e de nenhuma em publico, porque os extremos da confiança não são iguaes, e todas as respostas são perigosas, e a zombaria desauthorisa seu dono.

Nas zombarias alheias se forem pesadas, antes vos mostrai desentendidos que desconfiados, porque muitas vezes está nisto o remedio da vida e da hora.

Nos trabalhos corporaes sêde os primeiros, porque no soldado nobre todo o rigor é honra.

Em actos de guerra tomai o melhor que é o mais arriscado, que posto que a consideração em todas as horas ganha, a honra nestas perde.

A vosso capitão amai, servi, e conversai no particular com facilidade, no publico com respeito. Em sua ausencia respeitai-o como presente, não só fallando bem delle mas não consintaes se falle mal.

Nos passatempos acompanhai-o se vos chamar; em seus trabalhos, sem serdes chamados, sêde sempre com elle, porque nos logares de gosto vai pouco que seja a eleição sua, mas nos de honra é vossa.

Todas as vezes que comer o capitão em publico acompanhai-o, e em secreto quando elle tirar por vós, porque não fique a confiança em desprezo; e na meza não sejais os primeiros no encetar dos pratos; não comais com intenção e esquecimento; fallai pouco ali, e não por acenos; nem deveis tratar materias pezadas nem tristes, porque nos actos publicos todos os extremos são viciosos.

SE É POSSIVEL FAÇA-SE.

BONAPARTE, tratando de examinar nos Alpes a estrada por onde deveria marchar o seu exercito, subiu com o general em chefe de engenharia ao horrivel e quasi intransitavel caminho daquelles montes; e parando repentinamente disse ao engenheiro, apontando para o sitio mais escabroso: “Não será possível abrir uma excavação pelas entranhas daquelle monte, e formar uma estrada solida e segura?” Certamente que o é, respondeu o scientifico companheiro de Buonaparte. Nesse caso, replicou o imperador, faça-se.

A montanha foi immediatamente perfurada, abrindo-se a estrada por onde passou o exercito.

O AUCTOR TRAGICO INGLEZ.

AS TRAGEDIAS inglezas não se limitam sómente ao fim desgraçado de um heroe, ou de uma heroina, mas ao de ambos, e ao de tres ou quatro cumplices mais. A seguinte anecdota dará uma idea da tragedia ingleza.

Um auctor dramatico compoz, ha tempos, uma tragedia em cinco actos, e offereceu-a ao director de um dos theatros principaes de Londres, ao qual se dirigiu modestamente nestes termos: — “Aqui lhe trago uma tragedia, obra prima de composição, que deve obter seguramente um applauso geral. Tenho consultado, e creio que felizmente o gosto da minha nação, descobrindo o plano de uma peça tão tragica, que todos os meus actores morrem no terceiro acto.” — “Como assim! — exclamou o direc-

tor — quem representa nos dois ultimos actos? —
 «As sombras daquelles que já matei no terceiro» —
 respondeu o auctor.

HISTORIA DA RELIGIÃO DE MALTA, OU DOS CAVALLEIROS DE S. JOÃO DE JERUSALEM.

A ORDEM de S. João de Jerusalem, a que vulgarmente chamam de Malta, é seguramente a mais antiga, e como fonte de todas as que nessa epocha de religiosas cavallarias se instituíram com diversas denominações: — Templarios, Santo Sepulcro, Theutonica &c.; e não só foi a primeira instituída, mas aquella cujas bases assentavam em principios mais solidos e christãos, e que conservando sempre o seu rigoroso instituto, modificado todavia com as revoluções dos tempos, sobreviveu a todas as suas contemporaneas, atravessando gloriosa e respeitada o longo espaço de sete seculos, até que o espantoso vulcão da revolução franceza, e novas idéas destes dois ultimos seculos lhe alluíram os alicerces com a tomada da ilha de Malta em 1798 e dispersão dos cavalleiros no governo do grão-mestre Fernando d'Honspech, 69.^o successor de Gerardo de Tune, 1.^o chefe e fundador.

Para que esta ordem pudesse atravessar um tão grande numero de annos, era mister que o seu instituto tivesse alguma cousa de respeitavel: os seus cavalleiros, religiosos e soldados ao mesmo tempo, souberam sempre manter-lhe esse respeito, e pelos seus serviços á religião e aos principes christãos fazerem-se uteis a uma e aos outros, sem como os Templarios e Theutonicos se tornarem importunos.

Estando Jerusalem em poder dos turcos, havia grande concorrência de christãos, que por negocio uns, e outros por devoção iam visitar os logares santos que alli se veneram. Os mercadores de Amalfi, na Italia, que para alli traficavam, para maior commodidade dos christãos, que nem sempre recebiam dos turcos o melhor tratamento, edificaram um hospital que servisse de albergue aos sãos e de soccorro aos doentes, para cujo exercicio se offerceram homens piedosos que se ligaram á regra religiosa de S. Bento. Gerardo de Tune, cavalleiro francez, que então se achava em Jerusalem, foi admittido no numero dos hospitaleiros, e eleito por suas virtudes reitor do hospital; estendeu as suas funcções a guardar as estradas nos sitios mais perigosos dos transitos. Tal é o humilde, mas util, christão e philanthropico comêgo da ordem de S. João, d'onde brotaram todas as ordens de cavallaria, que degenerando de seus principios, que esta sempre procurou guardar, fizeram o espirito dominante d'alguns seculos (1).

Depois da tomada de Jerusalem pelos cruzados em 1099 affluíram aos hospitaleiros largas esmolas de toda a Europa, a ponto que tendo edificado a igreja de S. João Baptista, d'onde lhe vem o nome de cavalleiros de S. João, e em roda della mais amplos hospitaes, mandou Gerardo que, á similhança destes, se levantassem na Europa e Asia grande numero d'outros, e casas de caridade [primeira origem das commendas] onde se recolhessem pobres peregrinos e doentes. Em 1113 foi esta ordem approvada pelo papa Pascoal 2.^o, e declarada independente de outra qualquer, confirmado como chefe e reitor o referido Gerardo, cujo successor seria de futuro eleito pelos seus cavalleiros. Ordem de S. João de Jerusalem foi a sua denominação, e foi depois conhe-

(1) Não é bem liquido o anno da fundação do hospital, ainda que Vertot lhe assigne o de 1048.

cida pela dos cavalleiros de Rhodes e Malta em consequencia da soberania que successivamente obtiveram destas duas ilhas.

Raymundo du Puy, successor de Gerardo, foi o primeiro que tomou o titulo de mestre, e deu á ordem uma mais vantajosa organização. Tendo affluído um excessivo numero de cavalleiros de diversas nações a alistar-se entre os hospitaleiros, os fez dividir em linguas, ou albergues, segundo as suas nações, e ordenou um novo estatuto, que só foi confirmado no tempo do grão-mestre Des Moulins pelo papa Lucio, em o qual cimentou os principios cavalleirescos desta ordem, obrigando-os a combater sempre contra os inimigos do nome christão, para o que os dividiu em tres classes: — padres para os actos de religião, serventes para o hospital, e cavalleiros para a guerra, adoptando por insignia a cruz branca de oito pontas, representando as oito bemaventuranças; e para si tomou o titulo de *custos hospitalis Jerusalem, et servus pauperum* que todos os seus successores adoptaram. O valor desta milicia se experimentou logo na tomada de Ascalon aos turcos.

Do seguinte artigo da regra de Raymundo Du Puy póde ver-se a instituição desta ordem: — Os cavalleiros do hospital são destinados a combater pela gloria de Jesu-Christo, para manter o seu culto e a religião catholica, amar, conservar e reverenciar a justiça, favorecer, sustentar e defender os que estão em oppressão, sem esquecer os deveres da santa hospitalidade.

No primeiro anno do governo deste grão-mestre, em 1118, se formou a celebre ordem dos Templarios na Palestina por nove cavalleiros que tinham sido hospitaleiros, a qual se declarou rival desta na eleição de Gui de Lusignan para rei de Jerusalem, aonde os hospitaleiros desejavam o conde de Tripoli, e seguramente se não houvera perdido aquelle reino se este ultimo alvitre se tivesse adoptado. Foi sempre sua rival em valor, mas avantajou-se-lhe muito em riqueza e ambição, assim como no desleixo da regra, que tudo contribuiu para a sua extincção em 1312 no reinado de Philippe Formoso, sendo o grão-mestre Jacques de Molay sentenciado a morrer queimado; se acaso esta extincção não deu comêgo a mais perigosas instituições!

Persistiu a ordem em Jerusalem até á tomada desta cidade por Saladino, tres mezes depois da batalha de Tyberiadés, que durou tres dias, e os christãos a perderam em 3 de Julho de 1187. O grão-mestre Garnier de Syrie passou a Ascalon, que teve de entregar em resgate de Lusignan, transferindo a casa dos hospitaleiros para Margat; e tendo concorrido poderosamente para a tomada de S. João d'Acre ou Ptolomaida em 1191, em resultado do famoso sitio, que durou tres annos com os immensos esforços da terceira cruzada, a que pessoalmente assistiam os reis de França e Inglaterra, passou a ordem a estabelecer-se em Acre.

Foi durante este cêrco que se instituiu a notavel ordem Theutonica, approvada por Celestino 3.^o em 1193 só para cavalleiros allemães. Chegou a possuir a Prussia real e ducal, a Livonia e o ducado da Curlandia em plena soberania. O grão-mestre Alberto, marquez de Brandeburgo, acabou com ella abraçando a religião de Luthero; renunciou aquella dignidade, e se declarou soberano da Prussia ducal, com ajuda do rei de Polonia em 1525, que depois foi erecta em reino em 1701 por Frederico 3.^o marquez de Brandeburgo.

Alem desta outras muitas ordens se foram levantando no oriente, como as do Santo Sepulcro e S.

Lazaro, que foram suprimidas por Jeronymo 3.^o em 1485, e a de Samsão, cujos bens, por serem hospitaleiros, se foram unindo á de S. João, o que depois confirmou Julio 2.^o em 1505.

São incríveis os esforços que esta e as outras ordens praticaram para segurar, augmentar, e reconquistar o reino de Jerusalem, que não refiro por não ser meu intento escrever a longa historia d'elle, mas que bem se pôde avaliar sabendo que as ultimas pragas que os christãos perderam foram as defendidas pelos hospitaleiros, e que da batalha de Gaza, que acabou de decidir a perda de Jerusalem, só escaparam 36 templarios, 16 hospitaleiros e 3 theutonicos; dois grãos-mestres, Des Moulins e Garnier de Syrie morreram no campo, um defendendo, e o outro tomando S. João d'Acre. A impolitica e desmoralização dos cruzados perderam tudo.

Oito grãos-mestres contou a ordem do Hospital em Jerusalem até Garnier, que passou a Margat; e treze em Margat e Acre até João de Viliers, que passou a Chipre. Um seculo justo possuiu a ordem essa praça desde a sua reconquista em 1191, como já dissemos, até 18 de Maio de 1291 em que o sultão a tomou pela segunda vez á testa d'um exercito de 220 \$ 000 homens, sendo a unica fortaleza que se conservava na Palestina. O grão-mestre Viliers a defendeu com a maior valentia em 43 dias de cerco, causando 60 \$ almas de perda ao inimigo, e salvando quanto pôde do povo, e de todo o resto dos seus cavalleiros foi elle o ultimo que embarcou. Passou a Limiso na ilha de Chipre, que fortificou, organizou de novo a esquadra para manter o lustre á ordem e inquietar os turcos; fez reunir todos os cavalleiros dispersos na Europa, e restaurou a disciplina; foi o vigesimo primeiro grão-mestre, e a ordem o teve em grande veneração.

Dezoito annos estiveram os cavalleiros em Chipre, até que o incansavel Fulques de Villaret, não podendo soffrer que o assento da ordem estivesse em uma praça emprestada, emprehendeu a quasi incrível conquista da ilha de Rhodes e suas dependencias, que preparou com o maior segredo, e concluiu em 15 d'Agosto de 1309, e alli a estabeleceu fortificando a ilha, e defendendo-a do exercito ottomano que no seguinte anno a quiz reconquistar. Tudo aconteceu no tempo deste grão-mestre para engrandecimento da ordem, pois alem da posse de Rhodes se augmentaram consideravelmente os seus bens com o despojo dos templarios, parte do qual lhe foi dado. Foram os templarios presos em França em 1307, condemnados por um concilio de París em 1310, e decretada a extincção da ordem em 1312: Jacques de Molay seu grão-mestre, que fôra amigo de Villaret, foi executado em París em 1313. Villaret abdicou antes de morrer, reservando um priorado independente; todos os soberanos o respeitaram, e o rei da Sicilia o quiz ter tres dias no seu palacio. Foi o vigesimo quarto grão-mestre, e os seus cavalleiros se lhe mostraram ingratos por sua rígida disciplina.

A posse desta praça, e as façanhas com que os cavalleiros nella se distinguiram, fez que dahi em diante se ficassem chamando cavalleiros de Rhodes, com que foram conhecidos até á perda della no mestrado de Isle-Adam. Durante o longo tempo que a possuiram se distinguiu principalmente o grão-mestre de Aubusson, a quem a Europa chamou o = Escudo da Igreja. = Foi em seu tempo que Mahomet 2.^o intentou a sua conquista, que mandou fazer por Misach Paleologo em 1480 com 160 navios d'alto bordo, fôra uma multidão de outros de menor porte, com 100 \$ 000 homens de desembarque.

Diversas vezes foram escaladas as fortalezas, reparadas as brechas com novas muralhas, e a final tomado um forte; mas o grão-mestre repelindo todas as propostas de entrega que os cavalleiros lhe pediam, manda encostar ao muro uma escada, e subindo elle primeiro cahe no chão, sóbe segunda vez e cahe de novo como morto, sóbe terceira e planta o estandarte no lugar da meia lua; ensanguentado de cinco feridas que recebe, não se retira em quanto não persegue o inimigo até ás tendas aonde toma o estandarte inimigo. Durou o cerco 39 dias, e a esquadra se retirou com 9 \$ 000 mortos e 15 \$ 000 feridos (2).

O grão-mestre d'Amboise sustenta no mar a gloria militar da ordem. Toma uma frota inteira de 7 navios ao sultão do Egypto, e a celebre Mogarbina rainha dos navios, e depois com uma esquadra de baixo do commando do cavalleiro portuguez Amaral destruiu os grandes aprestos que o sultão fazia contra as possessões portuguezas da India, tomando-lhe 11 navios e 4 galeras no combate do golfo d'Ajaccio, alem dos grandes preparativos de construcção que inutilisou. Bem caro custou a Amaral esta gloria, em que teve por segundo Isle-Adam, porque a veio a pagar com a vida e com a reputação.

Teve a ordem em Rhodes 18 grão-mestres, e a possuiu 214 annos até ao 1.^o de Janeiro de 1523 em que Viliers de Isle-Adam se embarcou para Messina. Foi o quadregesimo grão mestre e o competidor de Amaral sobre quem alcançou o magisterio. Solimão 2.^o que havia tomado Belgrado aos hungaros, depois do mais pertinaz sitio, que durou 6 mezes, tomou finalmente a ilha de Rhodes por capitulação, havendo o grão-mestre alcançado a maior fama durante o sitio, mesmo tendo de entregar a praça, cuja capitulação se assignou em 24 de Dezembro de 1522. Todos os cavalleiros, riquezas, artilharias &c. se embarcaram em 12 dias que tiveram para isso. Solimão o foi visitar a bordo segurando-lhe a sua admiração, que todos os principes da Europa tambem lhe tributaram. Cento e oitenta mil homens custou aos turcos esta conquista.

Alguns auctores que escreveram a historia de Rhodes attribuem a traição do Bailio Amaral a entrega da praça pela correspondencia que, dizem, sustentára com Solimão, allegando que elle jurára entregar a ordem por lhe terem preferido Isle-Adam para grão-mestre. Esta calumnia attribuida a um portuguez não me consente que poupe algumas linhas em sua justa defeza, mas só direi, que os cavalleiros não satisfeitos com a honra de tão desproporcionada defeza, quizeram ter mais esta desculpa vigorizada com ser elle o emulo do grão-mestre; como se para aquelle resultado não bastasse a enorme força de 200 \$ 000 turcos e 300 navios, esquecendo-se que Amaral era um dos chefes a quem os mais arriscados pontos se haviam confiado em rasão da sua dignidade, e que só dois mezes depois da sua desgraçada morte se entregou a praça!

(Concluir-se-ha.)

D. — S. M. de V. S.

É DEVER de todo o homem probo ensinar e transmitir a doutrina do bem, que não pôde praticar por causa das más circumstancias da sua epocha e estado, para que possa no futuro vir a fazer esse bem alguma pessoa mais favorecida da divindade.

(2) Por uma carta que o grão-mestre escreveu ao imperador do Occidente sobre o cerco de Rhodes, extrahida do Codice Diplomatico, se prôva que já então haviam foguetes incendiarios que os turcos lançavam.